

SIMPÓSIO AT031

CABELO, CORPO E SEXUALIDADE NAS PERSONAGENS FEMININAS NA OBRA *CLARA DOS ANJOS* DE LIMA BARRETO

NÓBREGA, Ana Gabriella Ferreira da Silva
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
agabriella_fs@hotmail.com

Resumo: Sabendo que o corpo e o cabelo são símbolos da construção da beleza e da identidade feminina, este trabalho abordará uma análise literária das personagens femininas na obra *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, no qual tem por objetivo analisar a representação da mulher negra, no tocante aos aspectos estereotipados como: o cabelo, o corpo e a cor, bem como o tratamento da mulher quanto a virgindade e a maternidade. Metodologicamente, a pesquisa tem como método de procedimento o analítico-interpretativista, de caráter bibliográfico. Para tanto, utilizaremos como aporte teórico as reflexões de Perrot (2013), sobre a história das mulheres em relação aos homens, em específico, temáticas das quais destaco: o corpo feminino, a sexualidade e a maternidade; além de Santos (2004), no qual aborda o tema da mutilação da mulher negra como forma de ascensão social; Gomes (2002), e Xavier (2012) que trata do espaço da casa reduzido para elas. Percebemos que Lima Barreto ao tratar da preservação da virgindade; do abandono das mulheres grávidas; e das características físicas da mulher negra, almejava discutir e refletir as problemáticas sociais do Brasil do final século XIX e início do século XX sobre as relações raciais, e os dilemas vividos por elas em uma sociedade precipuamente preconceituosa, cujas conclusões apontam para a total desvalorização, representadas mais como objeto do que como sujeito, subjugadas da forma mais drástica possível, pela cor, pelo corpo e pelos aspectos que envolvem a identidade feminina.

Palavras-chave: Corpo feminino; Identidade; Mulher negra.

Abstract: Knowing the body and hair are symbols of the construction of beauty and feminine identity, this work will approach a literary analysis of the female characters in the work *Clara dos Anjos*, by Lima Barreto, in which the point is to analyze the representation of the black woman in the stereotyped aspects such as hair, body and skin color, as well as the treatment of women regarding virgind and motherhood. Methodologically, the research has as method of procedure the analytic-interpretative, of bibliographic character. For that, we will use as theoretical contribution the reflections of Perrot (2013), on the history of women in relation to men, in specific, the themes of which I highlight: the female body, sexuality and motherhood; besides

Santos (2004), in which she approaches the subject of the mutilation of the black woman as a way of social ascension; Gomes (2002), and Xavier (2012) that deals with reduced house space for them. We realize that Lima Barreto in dealing with the preservation of virginity; the abandonment of pregnant women, and the physical characteristics of the black woman, aimed to discuss and reflect the social problems of Brazil in the late nineteenth and early twentieth century on racial relations, and the dilemmas experienced by them in a society that is primarily prejudiced, whose conclusions point to total devaluation, represented more as an object than as a subject, subjugated in the most drastic way possible, by skin color, by the body and by the aspects that involve feminine identity.

Keywords: Female body; Identity; Black woman.

Introdução

Clara dos Anjos, obra do escritor Lima Barreto, teve a sua primeira versão registrada em 1904, época em que o autor revela um projeto de escrever a história da escravidão negra no Brasil e suas consequências. Entretanto, nunca realizou efetivamente o seu desejo em vida, pois somente em 1922, ano de sua morte, a obra passa a ser reconhecida como um romance de denúncia ao preconceito racial, cuja condição do negro na sociedade carioca pós-abolicionista e as desigualdades sociais do País são postas em questão pelos críticos. A obra apresenta uma variedade e riqueza temáticas, tais como: o enfoque em teorias racistas, dentre as quais o branqueamento, a presença de relacionamentos etnicamente diferenciados e o constante aparecimento de personagens descendentes de escravos, que apresentam impossibilidade de ascensão social. Dentre estes, destacamos de início a protagonista, Clara dos Anjos, uma jovem negra e pobre, cujos pais são descendentes de escravos e que a educam com muito rigor.

A personagem apesar de ser criada com bastante vigilância pelos pais, apaixonou-se por um jovem branco, sedutor de meninas “fragéis”, que engravida-a e logo em seguida a abandona. É a partir desse período desde o enclausuramento, a virgindade e a maternidade, que analisaremos a sexualidade e a feminilidade dessa personagem, bem como de outras mulheres que se apresentam na obra, cuja identidade negra é relegada a subalternidade.

1. Virgindade x Maternidade

Na história das mulheres do século XIX, segundo Perrot (2013), a menina sempre foi menos desejada que o menino, prova disto é que os sinos soavam por menos tempo para o batismo e o enterro de uma mulher do que para os homens.

Outro aspecto importante é quanto a vigilância dada a essas mulheres, que passavam mais tempo dentro do espaço da casa, e eram mais vigiadas do que seus irmãos. Dentro dessa “casa jaula”, denominação de Elódia Xavier (2012), as moças, assim como a protagonista Clara dos Anjos, vivem o drama da solidão e da incomunicabilidade com as pessoas, vivendo uma pretensa busca de prazeres que a levam nada mais do que à degradação.

Além do mais, nas famílias de origem humilde, eram postas para trabalhar mais cedo e requisitadas para todo tipo de tarefas domésticas. Por essa razão, a escolarização delas era mais atrasada que a dos meninos. Em suma, era imputado extrema vigilância a elas. No contexto do século XIX “a virgindade das moças é cantada, cobiçada, vigiada até a obsessão. A Igreja que a consagra como virtude suprema, celebra o modelo de Maria, virgem e mãe”. (PERROT, 2013, p. 45). Por isso preservar e proteger a virgindade da moça é uma obsessão, tanto da família quanto da sociedade, e a violação um grande risco, pois aquelas que se deixam capturar pelos rapazes sedutores correm o risco de serem suspeitas de mulher fácil.

“Uma vez deflorada, principalmente se foram muitos, não a encontrará quem a queira como esposa. Desonrada está condenada a prostituição” (PERROT, 2013, p.45), e ao preconceito da sociedade. Uma vez seduzidas entrariam na lista dos bandos de rapazes em busca de presas. A situação piorava ainda mais quando se sabia que as leis do século XIX diziam que somente estava suscetível de punição o estupro coletivo, no caso de estupro cometido por uma pessoa, era a mulher considerada complacente com o ato, pois poderia ter-se defendido.

Clara dos Anjos, sempre teve curiosidade em saber por que a mãe prendia-a, mas somente quando se viu grávida e solteira lembrou-se da situação de Bacamarte, outra jovem abusada por Cassi Jones, que se tornou

exposta à promiscuidade e a sofrer pelos cantos da cidade todas as vergonhas e preconceitos possíveis. Pensou no que seria dela a partir dali, pensou no desprezo que sofreria ao verem uma jovem negra solitária com um filho para cuidar: “Que havia de ser dela, agora, desonrada, vexada diante de todos, com aquela nódoa indelével na vida? Sentia-se só, isolada, única na vida. (BARRETO, 2011, p. 150).

Numa época em que o sexo feminino era visto como um defeito ou uma fraqueza da natureza, a virgindade da menina devia ser protegida, pois representava um valor supremo para elas. O pudor era o seu ornamento, o capital mais precioso, portanto, deveriam se defender da sedução dos bandos de rapazes em busca de presas. Entretanto, Clara, uma jovem pobre e negra, filha de pessoas de classe popular, tendo sido posta a trabalhar cedo, especificamente nos serviços domésticos, via-se agora constrangida, exposta no mínimo aos riscos da sedução, à promiscuidade, e no extremo, à prostituição. “Pensou em morrer, pensou em se matar, mas por fim rogou a nossa Senhora que lhe desse coragem” (BARRETO, 2011, p. 150).

A maternidade havia chegado para a jovem e como um dos aspectos que completa a feminilidade e a identidade da mulher, a grande questão agora era: ter ou não ter a criança? Conceber ou não? A maternidade é sempre um momento desejado ou, em muitas ocasiões, temido. No caso da “virgem” Clara dos Anjos, a maternidade é de sobremaneira temida. Ocorre uma revolução, um fervilhar de dúvidas em seus pensamentos. Ela ficaria com um filho no ventre sendo alvo de vergonha e tortura de seus pais? Pensou imediatamente em abortar o bebê, por outro lado temia concluir este ato: “Imediatamente, o seu pensamento se encaminhou para o “remédio” que devia “desmanchá-lo”, antes que lhe descobrissem a falta. Tinha medo e tinha remorsos” (BARRETO, 2011, p.152).

De uma jovem alheada e inocente passaria a uma assassina fria e cruel. Pensou em pedir um remédio a Bacamarte, pensou em pedir dinheiro emprestado à sua amiga, Dona Margarida para comprar o remédio, pensou em ajudá-la nos bordados e nas costuras para ganhar dinheiro, até que enfim,

pediu adiantamento a esta que imediatamente desconfiou, questionou a jovem, pressionou a tal ponto que a única saída foi confessar. A narrativa registra que Dona Margarida manteve-se firme à surpresa, mas os seus sentimentos eram de pena ao antever o horrível destino da pobre Clara.

Segundo os estudos de infanticídio na França realizados por Perrot (2013), se essas mulheres fossem denunciadas seriam levadas aos tribunais, onde padeceriam de extrema solidão, pois o pai da criança, segundo o código napoleônico, tinha o direito de desaparecer sem culpabilidade. No começo do século XIX, a situação torna-se ainda mais rigorosa, pois muitas dessas mulheres foram condenadas à morte.

O que se sabe do desfecho da história é que após saber da gravidez de Clara, Dona Margarida correu para avisar a mãe da jovem e as três em seguida partiram em busca da casa de Cassi Jones, a fim de que o pai assumisse a criança e a pobre moça. A iniciativa não teve êxito:

Cassi partira, fugira... Agora, é que percebia bem quem era o tal Cassi. O que os outros diziam dele era a pura verdade. A inocência dela, a sua simplicidade de vida, a sua boa fé, e o seu ardor juvenil tinham-na completamente cegado. Era mesmo o que diziam... Por que a escolhera? **Porque era pobre e, além de pobre, mulata.** Seu desgraçado padrinho tinha razão... Fora Cassi quem o matara (BARRETO, 2011, p. 149, grifo nosso).

A partir daí não há relatos da gravidez, do parto, nem de como a jovem seguiu a vida, a narrativa encerra-se com os pensamentos de desilusão da jovem: o de que ela não era “nada nesta vida” (BARRETO, 2011, p.158).

No trecho mencionado, percebemos que, como mulher, Clara era subjugada pela cor, pelo corpo e pelos aspectos que envolvem a identidade feminina, todos eles atropelados e desfeitos da forma mais drástica possível.

2. O cabelo e a mutilação como meio de aceitação

Não há como não falar sobre a mulher negra e não adentrar no aspecto do corpo e do cabelo. O corpo dessas mulheres sempre foi alvo de desejo e ao mesmo tempo dominado, muitas vezes roubado em sua própria sexualidade, subjugado e comprado pelo viés da prostituição. Em se tratando

do cabelo, por sorte talvez, o de Clara era liso, havia puxado a característica da sua mãe, Engrácia, que era negra, descendente de escravo e apesar de mais escura tinha o cabelo liso. O pai era pardo-claro, mas com cabelo ruim, como se diz. Na tez, a filha tirava ao pai e no cabelo, à mãe, portanto, a beleza e atração que a jovem despertava encontravam-se nos dois ícones identitários mais significativos da mulher: nos cabelos que deveriam ser longos e bonitos a ponto de chamar a atenção, e no corpo, pouco mencionado, mas utilizado como objeto por Cassi Jones.

Perrot, ao tratar sobre este assunto, diz que os cabelos condensam a sedução das mulheres. Como símbolo da feminilidade condensa sensualidade, atizando o desejo. Sendo assim, a beleza e a aparência de uma mulher tornam-se o capital na troca amorosa e na conquista matrimonial. “Os cabelos são a mulher, a carne, a feminilidade, a tentação, a sedução, o pecado” (PERROT, 2013, p.55).

No século XIX, segundo a mesma autora, havia uma espécie de erotização dos cabelos das mulheres, ou seja, uma mulher de respeito, por exemplo, deveria cobrir os cabelos nas ruas, uma mulher de cabelos soltos era uma figura do povo, vulgar. As burguesas usavam chapéus para cobrir os cabelos, pois em público não deveriam ser deixados soltos. Outras prendiam em um coque e só desfaziam na intimidade do lar ou apenas no quarto de dormir.

Na representação social da beleza negra feminina o cabelo também é objeto de preocupação, ao mesmo tempo em que é objeto de constante insatisfação para aquelas de cabelos crespos, considerados uma marca de inferioridade. A preocupação é determinada principalmente porque a maneira como elas se veem e como os outros a enxergam determinam sua aceitação ou ascensão social.

Conseguem algum tipo de ascensão aquelas que possuem cabelos lisos, (característica que define a beleza do branco). Conforme demonstra Santos (2004), o conceito de boa aparência no Brasil significa brancura ou algo que é restrito aos brancos. Para serem reconhecidas de alguma forma

aquelas que não possuem cabelos lisos mutilam-se, na expressão da autora. E sobre isto ela vem dizer que: “Sem a mutilação do corpo, a mulher negra padeceria de uma má aparência crônica. A cosmética torna-a mais aceitável ou diminui o grau de rejeição de seu corpo negro, de seu cabelo crespo, seu nariz, sua boca (SANTOS, 2004, p. 46). Mutilar seu corpo é o mesmo que se aproximar do ideal branco, mudar o cabelo é o mesmo que sair da inferioridade é o mesmo que ganhar autonomia.

Além desses posicionamentos existe ainda outro imaginário social ligado ao cabelo negro que são as formas de violência impostas ao escravo, conforme relata Gomes (2002). Sem falar nos açoites lançados sobre o corpo do negro, outra violência praticada sobre eles era a raspagem do cabelo, tanto do escravo como da escrava. Estes atos eram considerados como mutilação de seus corpos, pois para ambos o cabelo marcava sua identidade e dignidade. Por razões como essas é que para a negra, o cabelo crespo carrega significados culturais, políticos e sociais que os localizam dentro de um determinado grupo étnico, como afirma a estudiosa.

Não é à toa que na obra o autor fala sobre o cabelo de algumas mulheres cujas descrições vão de acordo com a etnia de cada uma delas e a situação de classe. Dona Margarida era uma mulher branca, russa-alemã, de olhos azuis e cabelos castanhos tirando para o louro. Edméia também tinha os cabelos louros, cortados à inglesa. Outra mulher cujo nome não é citado, mas é chamada de “uma branca”, é dito: “com lindos cabelos castanhos”, ao passo que para tratar das pobres vítimas de Cassi, todas de classe social baixa, a descrição dá-se da seguinte forma: “sujas, cabelos por pentear”. A exceção está na personagem Nair, cuja narração diz apenas que seus cabelos eram muito negros e que ela possuía um amorenado sombrio; e em Clara, que possuía os cabelos lisos.

Isso explica o pensamento de Gomes ao defender que as pessoas classificam umas às outras pela perspectiva étnico/racial, isto é, pela aparência física e isto concorre para a distinção de classes.

Por fim, entendemos que a escolha dos tipos de cabelos, por exemplo, definidos para cada personagem de Lima Barreto, representava não apenas um dado biológico de escolha aleatória, mas uma construção social que informa e comunica sobre as relações raciais, ou melhor, representava dilemas no processo de identidade que poderia causar alguma reação ou resistência, por isso imaginou a protagonista com os cabelos lisos para mostrar tanto a questão da miscigenação quanto o conflito identitário pelo qual experimentava uma mulher negra passando pela aceitação ou negação da sociedade.

Conclusão

Percebemos que Lima Barreto ao tratar da preservação da virgindade; do abandono das mulheres grávidas; e das características físicas da mulher negra, almejava discutir e refletir as problemáticas sociais do Brasil do final século XIX e início do século XX sobre as relações raciais, e os dilemas vividos por elas em uma sociedade precipuamente preconceituosa, cujos resultados apontam para a total desvalorização, representadas mais como objeto do que como sujeito, subjugadas da forma mais drástica possível, pela cor, pelo corpo e pelos aspectos que envolvem a identidade feminina negra.

Referências

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. São Paulo:USP, 2002 (tese: doutorado).

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013. Tradução de Angela M.S.Corrêa.

SANTOS, Gisele Aparecida dos. **Mulher negra, homem branco: um breve estudo do feminino negro**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

XAVIER, Elódia. **A casa na ficção de autoria feminina**. Florianópolis: Mulheres, 2012.